

trabalho de Fausto Neto busca provocar, pode oferecer uma alternativa de leitura para o discurso jornalístico, na medida em que destaca o papel das estratégias de discurso na construção dos acontecimentos. Verón e Fausto Neto reencontram-se neste projeto.

Mas, como sublinha o próprio autor, na medida em que Corpo falado define como "texto didático", é também um trabalho de auto-elaboração, constituindo-se em auto-reflexão da atividade jornalística. E é um depoimento de jornalista, citado por Fausto Neto, que fornece a síntese do que cada meio de comunicação fez do acontecimento: "A televisão interpretou, até opinou, na medida em que deu o seu noticiário — no caso da Globo, a idéia de que o presidente estava muito mal e viria fatalmente a falecer, embora os boletins médicos, em alguns momentos, dissessem o contrário. Nós começamos a ouvir outras fontes médicas e não-médicas e interpretamos os boletins médicos utilizados nos boletins".

Pelo rigor metodológico, clareza de exposição e pertinência das conclusões, O corpo falado, cuja segunda edição já foi lançada sob os auspícios da PUC/MG, Sindicato dos Jornalistas e Fundação Tancredo Neves, constitui leitura obrigatória para os estudiosos da teoria da comunicação no Brasil.

Muniz Sodré  
Universidade Federal  
do Rio de Janeiro

## Sob o brilho do Hemisfério Sol

LIMA, Edvaldo Pereira - Colômbia

Espejo América. São Paulo. Perspectiva/EDUSP, 1989, 152, p.

Procurar, com paixão, o rosto latino-americano, assumindo a grandeza do gesto e as travas que impedem sua consumação: eis rara atitude de um jornalista. Falta-lhe, em geral, a solidariedade para transitar no próprio território. Prefere terras do Norte ou até mesmo o exótico do Oriente e, assim, discrimina a América Latina na ordem das prioridades. Pois Edvaldo Pereira Lima optou por se mirar nos Andes e nas profundas savanas, do que resultou "Colômbia Espelho América" (editora Perspectiva, 1989).

*El sol era un hombrecito feo, mal hecho;*

*le preguntaron: tú quieres ser como padre del*

*mundo? y el dijo que sí; y lo visitieron de*

*puro oro; vestido de oro, mochila de oro, gorro*

*de oro, todo de oro. Lo soplaron y cuando se lavantó se acabó la noche.*

Edvaldo Pereira Lima recolheu da mitologia Kogi o significado cultural da busca do El Dorado. O ato metafórico de vestir-se de ouro e acabar-se a noite estilhaça a dimensão histórica e gulosa das riquezas do interior da América. Mas depois, se os nativos viviam no lado do Hemisfério Sol, vieram os aventureiros e espoliadores e os submetem ao Hemisfério Noite. A nostalgia do El Dorado persegue quem já foi noite, se fez sol e outra vez na noite. Ao viajar pela Colômbia, o autor desta reportagem-ensaio resgata os fios de ouro perdido nesta América de impasses. Não esconde a perplexidade

como não omite o encantamento. No espelho em que busca as imagens da América, sofrimentos do passado e do presente.

Não se trata da reportagem turística que apenas reforce os objetivos da indústria hoteleira. O livro de Edvaldo Pereira Lima percorre, sim, os caminhos do Turismo oficial, mas liberta-se de seus tentáculos promocionais. Através da constante pesquisa de antecedentes históricos, através do contato humano em todas as situações — virtude fundamental do repórter — e sobretudo através de uma sutil observação, o ensaísta nos faz viajar no tempo e no espaço da América. Os particulares são da Colômbia, mas o essencial emerge da alma nativa pré-colombiana. Felizmente para nós, leitores, o autor se despiu da camisa de força das técnicas tradicionais do Jornalismo. Abandonou o positivismo e o cartesianismo, deixou-se preencher de indagações, emoções e acasos. "Tudo parte de um jogo mágico que parece indicar: não é possível encarar tudo certinho neste país, ou na vida. Descartes já se aposentou"

E nessa magia confessada entramos, pelas mãos do autor, na luz do Novo Mundo que subsiste apesar dos contínuos curtos-circuitos. "Colômbia Espelho América" desmistifica o "atraso" do Continente, mostra o perfil de uma terra digna de paixão, passeia pelos luxos urbanos da modernidade, mas procura também os sombrios recantos da pobreza. Claros-escuros da América que sensíveis viajantes do Norte tanto apreciam e nós, habitantes do paraíso fantástico, rejeitamos.

A Colômbia, desconhecida, minimizada ou reduzida a rota de drogas, ganha contornos muito fortes na narrativa do viajante brasileiro.

Talvez os historiadores possam fazer algumas ressalvas às "verdades" assumidas por Edvaldo Pereira Lima. Em especial, o resgate eufórico dos Libertadores da América, das independências e da luta dos heróis oficiais não se enquadra na visão da Nova História. Mas estas incursões — de clima mais ficcional do que metodologicamente histórico — não chegam a arranhar a adesão à História dos Vencidos, tom maior do entendimento do autor quando especula o passado latino-americano. E como optou pela magia, detém-se mais nos mitos de culturas ancestrais do que em explicações reducionistas da aventura americana. Fica nos devendo também uma penetração mais profunda e mais contextualizada no candente tema da violência, associado historicamente à espoliação e ao êxodo rural. Mas se alguns aspectos denunciam certo inacabamento, temos partes da viagem verdadeiramente sinfônicas. Cartagena, por exemplo. Lá está: voltamos ao sol, o mito do El Dorado. Cartagena, porto da sangria do ouro, do assédio da pirataria e a estratégia de defesa montada pela colonização espanhola desde o século XVI...

Edvaldo Pereira Lima insiste em conhecer Aracataca (onde nasceu Gabriel García Márquez), como insiste em conhecer a América Latina. Nem Gabo (ou Gabito), como o chamam carinhosamente na terra natal, dá essa importância à sua Macondo, acusam seus orgulhosos conterrâneos. Mas o jornalista (professor e pesquisador de Comunicação Social da USP) assume por completo nossa Macondo. Seu gesto neste livro traduz adesão e solidariedade. Por isso, cita Cristóvão Colombo, que também percebeu a generosidade do povo da terra:

*Son la mejor gente del mundo  
y mas sana.  
Aman a sus proximos como  
asi mismos.  
Son Fieles y sin codicia de  
lo ajeno.*

Cremilda Medina  
Universidade de São Paulo

## Baião dos Dois

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha — **Baião dos dois: a música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização.** Recife, Ed. Massangana, 1988, 280 p.

O trabalho de Mundicarmo Ferreti apresenta a música sertaneja nordestina no momento de sua incorporação à Música Popular Brasileira (anos 50) e sua nova fase de aceitação nacional (década de 70), através da obra dupla — *Zédantas* (José de Souza Dantas Filho) e Luiz Gonzaga (Luiz Gonzaga do Nascimento).

Em seu estudo a autora priorizou a participação de *Zédantas*, considerando que o mesmo teve uma presença relevante no repertório de Luiz Gonzaga e outros intérpretes da música nordestina, embora não tenha merecido a atenção de pesquisadores e jornalistas, que se tem voltado preferentemente para a contribuição de Humberto Teixeira, o primeiro grande parceiro de Luiz Gonzaga.

O livro foi preparado originalmente como uma dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o título *Na batida do baião, no balanço do forró*.

Após uma discussão teórica sobre as condições de produção da arte, que fundamentarão a sua análise, Mundicarmo Ferreti procura identificar os fatores que permitiram que a música nordestina, de caráter marginal no contexto da música nacional, pudesse se tornar aceita e dominante em determinado momento; as causas da sua decadência; e a da sua nova aceitação, em outro contexto cultural. A seguir focaliza a contribuição dos dois compositores para o fortalecimento daquela modalidade musical.

A obra da dupla *Zédantas/Luiz Gonzaga* é analisada no contexto de produção/emissão, em seus aspectos literários e musicais levando-se em conta: autor, intérprete, público e intermediários, considerações sócio-culturais da sua produção e difusão.

O abundante material reunido é analisado como obra musical especificamente produzida para o disco, rádio e forró, isto é, para ser tocada no rádio, ouvida, dançada e cantada e não como pura poesia cantada.

Mundicarmo Ferreti conclue que "devido ao seu caráter de reelaboração da cultura sertaneja, por um membro da burguesia rural nordestina, integrado à sociedade urbana de outra região, não poderia ser encarada como expressão pura e límpida nem da ideologia do camponês nordestino, nem de um dos segmentos das camadas subalternas do Rio de Janeiro na década de 50". E prossegue: "A música de *Zédantas* é manifestação de "cultura popular de massa", uma vez que foi produzida para o disco e para o rádio a partir do folclore nordestino e foi recebida e utilizada principalmente pelas camadas de baixa renda da população urbana.

Embora a autora não privilegie o aspecto literário do material reuni-